

A NECROPOLÍTICA GOVERNAMENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS DISCURSOS DE BOLSONARO FLERTANDO COM A MORTE¹

GOVERNMENT NECROPOLITICS IN TIMES OF PANDEMIC: BOLSONARO'S DISCOURSE FLIRTING WITH DEATH

Luciano Novaes Vidon²
Aléxia Chaves Carlos³

Resumo: Este artigo alinha-se às pesquisas sobre texto e discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010; 2011; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2013; 2017), com o objetivo de compreender responsiva e responsavelmente a produção e circulação de enunciados concretos sobre a pandemia de Covid-19 por parte do governo federal brasileiro. Para a análise da materialidade enunciativa concreta, sob a perspectiva do dialogismo bakhtiniano, o trabalho utilizou como *corpus* pronunciamentos do então presidente Jair Bolsonaro no cronotopo de pandemia do novo coronavírus, buscando identificar os signos ideológicos (VOLOCHÍNOV, 2017) ou ideologemas (MEDVIÉDEV, 2012) presentes que reforçam os traços de *necropolítica* (MBEMBE, 2016). Tentou-se mostrar como a ideologia econômica neoliberal, por um lado, somada a ideologias negacionistas anti-isolamento, anti-medidas preventivas e anti-vacina, por outro, compuseram um discurso e uma prática *necropolíticos* por parte do governo brasileiro, contribuindo, assim, para a tragédia sanitária que vivenciamos, principalmente entre os anos de 2020 a 2022.

Palavras-chave: Necropolítica. Pandemia. Discurso político.

Abstract: This article aligns with research on text and discourse from the perspective of the Bakhtin Circle (BAKHTIN, 2010; 2011; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2013; 2017), with the aim of understanding responsively and responsibly the production and circulation of concrete utterances on the Covid-19 pandemic by the Brazilian federal government. For the analysis of concrete enunciative materiality, from the perspective of Bakhtinian dialogism, the work used as *corpus* pronouncements of the president Jair Bolsonaro in the chronotope of the pandemic of the new coronavirus, seeking to identify the present ideological signs (VOLOCHÍNOV, 2017) or ideologemes (MEDVIÉDEV, 2012) that reinforce the traces of necropolitics (MBEMBE, 2016). In conclusion, tried to show how the neoliberal economic ideology, on the one hand, with the anti-isolation, anti-preventive and anti-vaccine negationist ideologies, on the other hand, composed a necropolitical discourse and practice on the part of the Brazilian government, contributing, thus, to the health tragedy we are experiencing, especially in the years 2020 to 2022.

Key-words: Necropolitics. Pandemic. Political speech.

¹ Este artigo é dedicado ao Prof. Dr. Vanildo Stieg, vítima da Covid-19 no ano de 2021.

² Professor de Linguística e Língua Portuguesa do Departamento de Línguas e Letras (DLL) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenador do Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH), da UFES. Email: pfvidon@gmail.com.

³ Aluna do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: alexiachavescarlos@gmail.com.

Introdução

Medo, isolamento e insegurança: características que definem o cenário mundial nos anos de 2020 a 2022⁴. Desde dezembro de 2019, o novo coronavírus vem impactando os modos de vida da população. O vírus, que atualmente já assola cerca de 607 milhões de pessoas no mundo, chegou ao Brasil em meados de fevereiro de 2020. Tendo como exemplos os demais países que já vinham sofrendo com a pandemia e, ainda, as orientações bem definidas da Organização Mundial da Saúde, esperava-se que o Brasil não sofresse tanto com as consequências do vírus. No entanto, não foi o que ocorreu.

Na contramão das medidas preventivas indicadas pela OMS, o governo federal brasileiro se posicionou contrário ao isolamento social e não encarou a Covid-19 com a seriedade necessária. Em março de 2020, logo no início da pandemia no Brasil, o então presidente Jair Messias Bolsonaro veio a público realizar um pronunciamento a respeito da pandemia. Diferente da seriedade que demandava o momento, a fala do chefe de estado demonstrou um grande descaso para com a população, visto que Jair Bolsonaro referiu-se pejorativamente à doença, chamando-a de “gripezinha”, diminuindo sua importância e insinuando que seu impacto não seria tão grande. Além disso, em outros momentos, em 2020 e 2021, Bolsonaro utilizou meios de comunicação extra-oficiais para hostilizar a doença e desqualificá-la.

Dessa forma, em pouco tempo, o contágio assumiu proporções alarmantes no país, colocando-o, no momento da escrita deste artigo, com mais de 34,5 milhões de casos e mais de 680 mil mortes. O caráter altamente transmissível do vírus, aliado aos discursos negacionistas anti-medidas preventivas em relação à expansão do vírus e anti-vacinação da população, provocaram, no Brasil e em outros lugares do mundo, o aumento das contaminações e uma consequente lotação de leitos de UTI, aproximando o sistema de saúde do colapso e colocando o país em estado de calamidade. Esses pontos por vezes foram reforçados não só pelas ações, mas também pelos discursos proferidos.

⁴ No momento em que o artigo foi produzido, havia uma redução no número de mortes por Covid-19 em quase todo o mundo, devido, claramente, às campanhas de vacinação. No caso do Brasil, em julho de 2022, mais de 80% da população já havia tomado duas doses da vacina ou a vacina de dose única, representando um quadro alentador em relação à pandemia. No entanto, a pandemia não foi totalmente debilitada, podendo novas ondas da doença surgirem.

Os pronunciamentos do presidente deixaram transparecer a necropolítica presente no seu governo e evidenciada durante a pandemia. Através das coletivas de imprensa, lives e postagens em redes sociais, fez-se evidente a resignação governamental diante das milhares de mortes no Brasil, mortes essas que têm endereço, classe social e cor de pele. As falas do governante acabaram atingindo, em maior escala, um grupo específico de pessoas. Embora o coronavírus tenha aparecido com maior força nas classes média e alta, a doença se mostrou mais fatal na classe baixa e, principalmente, entre os negros. No momento em que o presidente e seus aliados incentivaram a abertura de comércios, foram essas pessoas as que mais sofreram, visto que elas ocupavam os postos de trabalho nos serviços essenciais. Dessa forma, um isolamento parcial, como proposto pelo governo, afetou mais a classe trabalhadora e negra e menos as elites detentoras dos meios de produção, que puderam desfrutar da quarentena enquanto os mais pobres arriscaram a saúde para garantir o funcionamento da economia.

Dado o contexto social, histórico e político que o Brasil está vivendo, o objetivo deste artigo é analisar como o discurso do presidente Jair Bolsonaro, no contexto dialógico da pandemia de Covid-19, flertou com a morte, reforçando a ideologia da necropolítica. Neste sentido, busca mostrar a política de morte aceita e legitimada pelo governo Jair Bolsonaro, identificando-a por meio das marcas linguísticas e discursivas em pronunciamentos oficiais e não-oficiais do então presidente. Para isso, utilizamos como base teórica e metodológica a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, articulada ao conceito de necropolítica, de Achille Mbembe (2017).

A fim de analisar dialogicamente os enunciados proferidos pelo presidente da república, Jair Bolsonaro, no tempo-espço da pandemia de covid-19, no Brasil, selecionamos como *corpus* cinco pronunciamentos. Nesse recorte, foram escolhidos pontos específicos nessa cronotopia, para que pudesse ser observado como se deu a recorrência de certos signos e enunciados em um longo período de tempo, de março de 2020 (início da pandemia no Brasil) a junho de 2021 (auge da pandemia no Brasil). Essa seleção também contemplou diferentes gêneros discursivo-midiáticos, como coletivas de imprensa, pronunciamentos oficiais na televisão e discursos em eventos. Isso possibilitou vislumbrar as nuances presentes nos enunciados quando realizados em

determinados gêneros de discurso que requerem maior ou menor grau de adequação e polimento.

O discurso da necropolítica à luz do dialogismo bakhtiniano

Levando em consideração o tema deste trabalho, torna-se necessário contextualizar, em primeiro lugar, a noção de *Necropolítica*. O termo foi cunhado por Achille Mbembe e discutido em seu ensaio intitulado “Necropolítica”, publicado no ano de 2016. Na obra, o autor retoma o conceito de *biopoder*, de Foucault (1999), o qual versa sobre os domínios da vida que foram apropriados e controlados pelo poder. No entanto, Mbembe reconhece a ideia de *biopoder* como insuficiente para pensar acerca das formas contemporâneas de sujeição da vida à morte.

Nesse contexto, o autor camaronês agrega ao debate refletindo sobre a política da morte em diferentes espaços e tempos no decorrer da história, dando enfoque especial ao corpo negro. Nas palavras do próprio autor,

Este ensaio pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2017, p. 123)

Buscando situar o conceito de necropolítica neste trabalho, cabe dizer que as formas de legitimar a morte estão sendo ressignificadas. Mbembe cita em sua obra momentos em que a política da morte se deu em contextos de guerra, colonização, atentados. No entanto, o recorte aqui utilizado visa observar como essa política se estabelece indiretamente, de forma velada, em contextos como o de uma pandemia. Utilizando as palavras do próprio autor, investigaremos “sob quais condições práticas [e discursivas] se exerce o direito de matar, deixar viver ou expor à morte?” (MBEMBE, 2017, p. 123).

No presente artigo, o conceito de necropolítica, definido por Mbembe (2017), será auscultado sob o viés dos estudos do Círculo de Bakhtin⁵, mais especificamente em

⁵ É importante destacar, conforme Vidon (2022), que ao se referir a Estudos do Círculo de Bakhtin ou pensamento bakhtiniano, temos ciência de que se trata de um campo de reflexões e investigações complexo, em que a autoria é plurivocal, e, por isso mesmo, as bases epistemológicas vão da

relação à noção de ideologia dentro desse pensamento. Segundo Volóchinov, “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sîgnicas” (VOLÓCHINOV, 2013). Dessa forma, a ideologia não se configura como falsa noção da realidade, mas como parte fundamental no processo de produção de sentidos. Todo sujeito se inscreve ideologicamente para tomar uma posição, de modo que inexiste neutralidade nos discursos.

A partir dessa concepção sîgnico-discursiva de ideologia (presente, também, em Volochinov, 2017 e Medviédev, 2012, entre outras obras do Círculo), cabe ressaltar que a palavra não significa por si só. Uma mesma palavra é usada em contextos diferentes, tanto em lugar quanto em tempo, assumindo significados outros e figurando-se em memória social. Assim, diversos aspectos histórico-sociais ressoam nas significações de um vocábulo, frase ou texto. O ato de fala em determinado momento estabelece seus sentidos a partir da retomada dialógica de outras manifestações linguísticas passadas, presentes e possíveis futuramente. Consonante a isso, a palavra também não obedece aos sentidos intencionados pelo enunciador, mas se configura como arena de disputa entre significações possíveis, e por vezes antagônicas, dentro do discurso.

Por sua vez, o signo linguístico, ideológico por princípio, emerge da interação social entre diferentes sujeitos, de forma que um objeto material qualquer, para se tornar signo, deve passar por tal processo. Nessa perspectiva, “ao realizar-se no processo de comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110). Assim, sendo a palavra o signo ideológico por excelência (VOLÓCHINOV, 2017), infere-se que, através dela, é possível identificar as ideologias que atravessam os sujeitos e que transparecem nos enunciados por eles produzidos.

No momento em que Bakhtin (1997, p. 352) defende que

todo enunciado tem a pretensão de ser correto, verdadeiro, belo, etc. e esses valores do enunciado não se determinam por sua relação com a língua (enquanto sistema), mas pelas formas de sua relação com a realidade, com o sujeito falante, com os outros enunciados — com os enunciados alheios —

fenomenologia alemã ao materialismo histórico-dialético, passando por diversas áreas do conhecimento, como filosofia, psicologia, linguística, filologia, antropologia, musicologia, entre outras, o que configura esse campo como transdisciplinar, heterocientífico, como o próprio Bakhtin denomina (BAKHTIN, 2011).

(em particular com aqueles que os colocam como valores da verdade, da beleza, etc.)

torna-se possível observar como essa teoria pode nos ajudar a compreender, responsiva e responsavelmente, o *corpus* pesquisado, visto que explora a relação de um enunciado com outros. Esse caráter dialógico é perceptível nos pronunciamentos analisados, visto que retoma discursos outros, que reduzem a vida à economia, negam a ciência e a existência da própria pandemia, expondo, com isso, a população, especialmente a classe trabalhadora, à morte.

Ainda no que tange ao pensamento do Círculo de Bakhtin, cabe observar que “o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 291) Sendo assim, os pronunciamentos, oficiais ou não, de Bolsonaro provocaram uma reação em seus ouvintes, fazendo com que parte deles concordasse com seu discurso e o reproduzisse⁶. Além disso, ao dizer que o isolamento era ineficaz, defender o uso de medicamentos sem eficácia comprovada para com a covid-19, retardar a compra de vacinas, o governante abriu precedente para que a população acreditasse que era seguro sair à rua, que o tratamento precoce era suficiente para proteger contra a doença, que vacinas eram perigosas, piorando, com essas enunciações, o cenário da pandemia no país. Em uma abordagem dialógico-discursiva, o dizer de Bolsonaro, ressonância de dizeres outros, como os do ex-presidente norte-americano Donald Trump, também ressoou em outros dizeres, configurando uma rede de sentidos e discursos anti-isolamento, anti-vacina, pró tratamento precoce, pró imunização de rebanho etc., que acabaram contribuindo para a manutenção ou mesmo o agravamento da situação de crise gerada pela pandemia.

⁶ Obviamente, uma outra parte não concordava com o discurso do então presidente, rechaçando ou mesmo ironizando sua forma de lidar com a pandemia e suas consequências.

Os pronunciamentos de Bolsonaro sobre e durante a pandemia: flertando com a morte

Um dos primeiros pronunciamentos⁷ de Jair Bolsonaro sobre a COVID-19 aconteceu no dia 09/03/2020, durante uma convenção para brasileiros em Miami, no qual o presidente se posicionou da seguinte forma:

[1] Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está sendo superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Então talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas.⁸

No enunciado em questão, o enunciador caracteriza como “superdimensionado” e “potencializado” o poder destrutivo do vírus, desvalorizando-o. Importante observar que essa valoração negativa do vírus, e, conseqüentemente, da doença a ele associada, não se encontra nos atributos linguísticos, enquanto formas da língua, mas justamente no processo de significação do todo do enunciado. Enquanto formas da língua, os participípios, em si, dos verbos ‘superdimensionar’ e ‘potencializar’ significam, comumente, apreciações valorativas positivas, como podemos encontrar em seus significados dicionarizados. No entanto, ao serem veiculadas em enunciados concretos, é preciso ter em mente o todo da enunciação, ou seja, o que Volochínov (2017) denomina *tema*. No caso do enunciado de Bolsonaro, temos um todo que negligenciava o potencial de contaminação e de mortes do novo coronavírus e da pandemia de Covid-19. Na segunda parte dessa primeira fala sobre a doença, o enunciador a relaciona com a economia, valorando negativamente, pela segunda vez, o coronavírus. Dessa vez, é usado o advérbio “talvez”, que por vezes demonstra uma incerteza na fala. Ao utilizá-lo, há um respaldo sobre a informação que será proferida. No entanto, sua afirmação soa mais como uma hipótese que deseja veicular do que como uma dúvida legítima. Como veremos, essa relação sígnica, dialógica e ideológica, entre o coronavírus/a covid-19/a pandemia e a economia será uma marca do discurso do presidente, promovendo uma hierarquização de valores, em que o fator econômico se sobrepõe ao fator saúde/vida.

No dia 15 de março de 2020, é realizada, em frente ao Palácio do Planalto, em Brasília, uma manifestação em apoio ao presidente e às suas decisões. Nessa ocasião,

⁷ As análises se concentrarão na parte verbal do enunciado, não abarcando, portanto, aspectos vocovisuais das respectivas enunciações. Devido a isso, as transcrições se realizaram da forma mais simplificada.

⁸[1] vídeo (55 seg). Publicado pelo site G1 em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/09/bolsonaro-diz-que-poder-destruidor-do-coronavirus-esta-sendo-superdimensionado.ghtml>. Acesso em: 04 out. 2022.

Bolsonaro interage fisicamente, sem máscara, com o grupo de apoiadores. No dia posterior, ao ser indagado por jornalistas sobre a sua atitude, ele responde:

[2] Tenho a obrigação moral de saudar o povo que foi na frente aqui do Palácio do Planalto, tenho a obrigação. [...] Se eu me contaminei, tá certo? Olha, isso é responsabilidade minha, ninguém tem nada a ver com isso. [...] Eu não vou viver preso dentro lá do Palácio da Alvorada esperando mais cinco dias, com problemas grandes para serem resolvidos no Brasil. Essa é minha posição. Agora, se eu resolvi apertar a mão do povo – desculpe aqui, eu não convoquei o povo para ir às ruas –, isso é um direito meu. Afinal de contas, eu vim do povo. Eu venho do povo brasileiro. [...] Querer colocar a culpa de uma possível expansão do vírus na minha pessoa porque eu vim saudar alguns na frente aqui da Presidência da República, num movimento que eu não convoquei o movimento, é querer se ver livre da responsabilidade que é de todos nós. [...] Não vamos superdimensionar essa questão. Não pode algumas autoridades começar a proibir isso ou aquilo. [...] Nós não podemos parar a economia. E eu tenho que dar o exemplo em todos os momentos. E fui, realmente, apertei a mão de muita gente em frente ao Palácio, aqui na Presidência da República, para demonstrar que estou com o povo. O povo foi nas ruas, você tem que respeitar a vontade popular. Mesmo que o povo erre, você tem que respeitar a vontade popular. Isso é democracia.⁹

Na tentativa de se defender das acusações de estar propagando o coronavírus, Bolsonaro argumenta que não ficará preso dentro do Palácio da Alvorada enquanto há “problemas grandes para serem resolvidos no Brasil”. Nesse recorte, é possível notar um movimento de enunciação que reafirma o discurso anterior, proferido em Miami, pró-economia e cético em relação à tragédia humana que já se anunciava. Para além da afirmação objetiva em negação ao ato, também são selecionadas palavras como “preso”, associando o isolamento social (nesse caso, de um infectado em potencial) a uma rede de sentidos que vincula medidas protetivas de saúde ao cerceamento das liberdades individuais. Tem-se, pois, o discurso capitalista neoliberal se sobrepondo ao discurso da ciência, que, através, principalmente da OMS, recomendava o distanciamento ou mesmo o isolamento social, o uso de máscaras e medidas profiláticas, como a lavagem constante de mãos.

Nesse mesmo recorte enunciativo, é interessante observar como a expressão “problemas grandes” é inserida no enunciado. Ao usar essa expressão, abre-se possibilidades interpretativas acerca do que seriam esses problemas não especificados. Dado que o momento de enunciação contempla a pandemia, se esperaria que esses problemas fossem relacionados à pandemia de Covid-19 e que, a partir disso, seriam

⁹ [2] vídeo (7 min e 58 seg). Publicado pelo site G1 em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/16/apos-cumprimentar-apoiadores-bolsonaro-diz-que-e-o-responsavel-caso-tenha-se-contaminado.ghtml>. Acesso em: 04 out. 2022.

pensadas propostas e soluções para tal. Porém, na contramão do “óbvio”¹⁰, os “problemas grandes” a que se refere o presidente estão relacionados à economia, novamente fazendo uma contraposição entre saúde e economia, colocando mais peso nesta, valorando-a, portanto, mais do que àquela. Como exemplo dessa ideologização, nos termos do Círculo de Bakhtin, é cabível evidenciar a reiteração do signo “superdimensionar”, utilizado no enunciado [1], objetivando desacreditar o teor agressivo e mortal do coronavírus, dessa vez, inferiorizando também as medidas protetivas de saúde.

Em seguida, uma série de sequências enunciativas trazem a palavra “povo”, contribuindo para a criação de uma imagem populista do presidente. Ao dizer que resolveu “apertar a mão do povo”, é evocada uma imagem política de alinhamento aos interesses desse. Aliado a isso, a frase “eu vim do povo” reforça essa construção de uma imagem do eu para o outro (BAKHTIN, 2010), isto é, de um político que teoricamente não serve aos interesses da elite ou da classe política, mas do povo. Apesar disso, não necessariamente a tentativa de construção de um sujeito discursivo de origem popular reflete a realidade empírica do indivíduo. Ao trazer a categoria “povo brasileiro”, surge a reflexão sobre qual povo brasileiro se trata, visto que a população não se configura da mesma forma, não é uma massa homogênea de sujeitos idênticos nos discursos e ideologias. Analisando os presentes na manifestação, o povo aqui se configura exclusivamente como a base de apoiadores do presidente, que compartilham de suas ideologias e endossam dialogicamente seus discursos anti-isolamento, anti-ciência, pró-economia. Isso não reflete a totalidade do povo brasileiro.

Corroborando a hipótese de que há a busca pela construção de uma imagem de si como um político democrático, é trazida a frase “você tem que respeitar a vontade popular”. Mais uma vez, é feito um apelo em prol da vontade do povo, concebido como uma grande massa homogênea. Essa “vontade popular”, como demonstrado anteriormente, não reflete necessariamente o desejo da população total. Mais à frente, encerrando com maestria, vem a frase “Isso é democracia”. Tal fala busca fixar um conceito, tornando-o acima da ideologia. Democracia, então, passa a ser sinônimo de apoio à vontade popular, mesmo se o povo se equivocar. Entretanto, como visto, essa vontade não chega a configurar maioria populacional. Além disso, vale o

¹⁰ As aspas na palavra em questão aparecem por compreender que não há óbvio e transparência quando se refere à língua, posto que todo signo é ideológico.

questionamento: ainda seria democrático, sob a justificativa de ser a vontade popular, instaurar uma ditadura que cerceia liberdades? Perguntas como essa abrem diálogos possíveis sobre conceitos e sentidos distintos de democracia, sentidos esses construídos, inevitavelmente, a partir da ideologia. É interessante ainda nesse ponto retomar a ideia discutida pelo Círculo de Bakhtin de que interessa a classe dominante tornar o signo intangível, monovalente. Dessa forma, a palavra “democracia” aqui é atribuída a um único significado, teoricamente inerente.

No dia 24 de março de 2020, o presidente faz outro pronunciamento, desta vez de caráter oficial e televisionado. Vejamos:

[3] O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite.

Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença. [...] Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande Nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa pátria querida.¹¹

Logo na primeira frase, é possível notar como a ideia de eliminação quase natural do vírus é enunciada. Afirmando que o vírus “brevemente passará”, percebe-se que esse discurso está inserido em uma rede de sentidos exterior à fala de Bolsonaro¹².

¹¹ [3] (UOL). BOLSONARO ATACA GOVERNADORES E CULPA IMPRENSA EM PRONUNCIAMENTO. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=deRVsj4soUA&t=1s>. Acesso em: 04 out. 2022.

¹² Essa rede é composta, dentre outras influências, pelas declarações do então presidente dos EUA à época, Donald Trump, como exemplificado a seguir: “Bom, o que eu penso sobre vacinas é o mesmo que o que penso sobre testes. Isso vai embora sem uma vacina. Isso vai embora, e isso vai — nós não

Na sequência, uma vez mais, a questão sanitária é subdimensionada em relação à questão econômica. Nesse sentido, o signo “vida”, em “Nossa vida tem que continuar” parece não se referir à vida no sentido integral do termo, vida saudável, por exemplo, mas, sim, à vida econômica. Na mesma direção, no trecho “Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado”, há dois sentidos que concorrem. Em primeiro lugar, pode-se pensar que a defesa seria de que os empregados não fossem mandados embora, mantendo, assim, os empregos e, respectivamente, o sustento das famílias. Por outro lado, ao relacionar essa sequência enunciativa a outras deste texto, assume-se um sentido de que, para não serem mandados embora, os trabalhadores devem ir aos seus postos de trabalho, mesmo que isso signifique se expor ao vírus. Isso é, como Mbembe defende, se expor à morte. Ainda nessa perspectiva, cabe pensar na palavra “normalidade”. Ao apelar pela volta à “normalidade”, o que faz parecer é que o retorno à vida normal é opcional. Cabe também pensar o que era o conceito de “normalidade” naquele momento. Normal, naquele horizonte social, não significa viver sem o coronavírus. Dessa forma, o que há no enunciado de Bolsonaro não é uma volta ao normal, mas uma normalização do absurdo, da tragédia sanitária que se desenhava, uma legitimação da necropolítica, flertando-se com a morte ao invés da valorização da saúde e da vida.

Procurando dar um ar mais objetivo ao seu discurso, na sequência é dito que o grupo de risco são as pessoas acima de 60 anos, portanto as escolas não deveriam ser fechadas. Compreende-se que, na época desse pronunciamento, as pesquisas sobre o coronavírus ainda eram iniciais e a quantidade de mortos era de fato maior nessa faixa etária. No entanto, ao defender a volta dos comércios e a circulação “normal” das pessoas, é provável que o coronavírus acabe chegando também aos mais velhos, já que a contaminação do vírus se espalha rapidamente, principalmente em famílias grandes, que se configuram pela presença de crianças, adultos e idosos na mesma casa. Dessa forma,

vamos ver isso novamente, com esperança, depois de um período de tempo. Você pode ter alguns — alguns surtos e eu acho, você sabe, eu espero isso. Às vezes no outono, você vai ter surtos talvez. Talvez não. Mas de acordo com o que muitas pessoas dizem, você provavelmente vai. Nós seremos capazes de colocá-los para fora. Você pode ter alguns surtos no próximo ano, mas eventualmente isso vai embora. Quer dizer, isso vai embora.” (TRUMP, 2020). A fala de Trump revela descaso com a vacina ao declarar que o coronavírus irá embora sem ela. Nesse trecho, o político repete exaustivamente a frase “isso vai embora”. No entanto, não apresenta caminhos e ações estatais para tal. Quando ele diz que “eventualmente” o vírus vai embora, há uma abstenção de responsabilidade no combate à pandemia. Logo depois, o ex-presidente americano reitera finalizando o texto com “isso vai embora”. Assim, ao corrigir a frase anterior, removendo o “eventualmente”, advérbio que dava margem para incerteza, o enunciador atribui uma carga maior de confiança à eliminação natural do vírus.

não faz sentido defender a ideia de isolamento vertical, visto que os mais novos podem levar o vírus para dentro de casa, afetando os idosos, mesmo que esses se mantenham isolados. Portanto, quando se defende que apenas os idosos fiquem em casa, isso demonstra uma compreensão deturpada do problema. Nessa circunstância, ao dizer que a maioria dos mortos é composta por idosos e propor que todos sigam a vida “normalmente”, está-se negligenciando e colocando em uma esfera de menor importância a vida do idoso, como se a morte deles, por estarem em idade avançada, fosse aceitável.

Então, chega o momento do pronunciamento que muito repercutiu na mídia e redes sociais. Bolsonaro diz que, em seu caso, se pegasse o coronavírus, teria no máximo “uma gripezinha ou resfriadinho”. Em sua visão, essa hipótese se confirmaria devido ao seu “histórico de atleta”. Ainda que Jair Bolsonaro estivesse falando sobre si, o que foi dito teve um grande impacto em quem ouviu, visto que no momento pouco se sabia sobre os efeitos do coronavírus em jovens e adultos saudáveis. Ademais, ao usar as palavras “gripezinha” e “resfriadinho”, ambas no diminutivo, o poder destrutivo do vírus novamente é subdimensionado, sendo associado a doenças corriqueiras com as quais a população já convive. Este pronunciamento é considerado importante nos rumos da pandemia, visto que refletiu em uma tomada de posição contrária às medidas de segurança em parte da população, que se convenceu com a fala do presidente ou a teve como possibilidade de legitimar ações prejudiciais ao controle da pandemia.

Outro ponto crucial do pronunciamento é o momento em que o medicamento cloroquina é mencionado. Durante toda a fala, não houve menção à vacina ou qualquer demonstração de apoio às pesquisas sobre ela, tangenciando esse tema. Por outro lado, a cloroquina é trazida como potencial solução para o problema da pandemia no Brasil, mesmo não tendo eficácia comprovada.¹³ Essa apologia à cloroquina não é especificidade de Bolsonaro. Retomando novamente a ligação e apoio do presidente brasileiro ao americano, é possível dizer que esse discurso pró-cloroquina é

¹³ Órgãos como a Food and Drug Administration (FDA) e Organização Mundial da Saúde (OMS) se manifestaram afirmando a ineficácia desse e de outros medicamentos defendidos pelo governo Bolsonaro e seus aliados.

FDA. **Letter revoking EUA for chloroquine phosphate and hydroxychloroquine sulfate**. 2020. Disponível em: <https://www.fda.gov/media/138945/download>. Acesso em: 11 out. 2022.

ONU News. **Após vários testes, OMS confirma que hidroxiclороquina não serve para evitar Covid-19**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/03/1743092>. Acesso em: 11 out. 2022.

compartilhado com o norte-americano, que também por vezes citou esse remédio como caminho de combate ao vírus.

Na última parte da fala de Bolsonaro, percebe-se a presença apelativa do discurso religioso. Esse traço não é característico apenas desse pronunciamento, mas também aparece em outras enunciações do presidente. Ao usar os enunciados “Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença” e “Deus abençoe nossa pátria querida”, o efeito obtido é mais do que apenas mostrar as crenças do sujeito. Para além disso, ao enunciar tais palavras, que são signos ideológicos do campo discursivo religioso, segundo o arcabouço teórico de que nos valem, são retomados sentidos que apontam para a confiança em Deus acima de tudo, que destinam a essa figura o poder de resolver todos os males da sociedade. É evidente que não cabe aqui afirmar ou não a existência do divino ou a importância da figura religiosa para cada um, porém, nesse movimento de trazer Deus como ponto de amparo, o presidente se exime da responsabilidade de tomar atitudes objetivas contra a pandemia.

Cria-se, portanto, um alibi que desresponsabiliza o presidente e seu governo de ações efetivas contra o vírus e a doença provocada por ele. Segundo Bakhtin (2010), alibis como esse constituem um problema ético segundo o qual o sujeito delega a um outro – Deus, o sistema, o destino, etc. – a responsabilidade pelos eventos sócio-histórico-culturais. Isso exime o sujeito de assumir uma postura ética, um posicionamento que leve em conta a relação do eu com os outros sujeitos, de seu contexto imediato, mas também de seu horizonte mais amplo.

Por fim, é interessante observar como é dito que sem “pânico ou histeria” o coronavírus será vencido. Esse trecho dialoga com os outros excertos analisados, em que foram usadas expressões como “superdimensionar” e “potencializar” para se referir à questão do vírus, além de também se alinhar ao discurso de Trump. Novamente, é construído um sentido de que os problemas da pandemia estão sendo exagerados. De maneira geral, o movimento que se faz é o de minimizar discursivamente o efeito destruidor do coronavírus e reafirmar a necessidade de reabrir os comércios, resultando na resignação da população frente ao estado de crise de saúde pública do país em benefício da economia.

Mais adiante no mesmo ano, no dia 10 de novembro, quando o Brasil já havia registrado mais de 160.000 mortes, em evento de lançamento do programa “Retomada do Turismo”, o presidente afirma em seu pronunciamento:

[4] Tudo agora é pandemia. Tem que acabar com esse negócio, po. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia. Aqui todo mundo vai morrer. O Sérgio vai morrer um dia, né Sergião? Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas, po. Ô que prato cheio pra imprensa, prato cheio para a urubuzada que tá ali atrás ali. Temos que enfrentar de peito aberto, lutar.¹⁴

Analisando esse excerto, podemos dizer que todo ele apresenta a mesma orientação ideológica (BAKHTIN, 2010; VOLOCHINOV, 2017) dos enunciados anteriores no que tange à apreciação valorativa do coronavírus e da pandemia de covid-19, como encontramos na enunciação de termos como “superdimensionado” e “potencializado”, ou “gripezinha” e “resfriadinho”. Embora o enunciador, agora, afirme lamentar o número de mortos, discursivamente, o tom emotivo-volitivo geral do enunciado vem expresso por ideologemas (MEDVIÉDEV, 2012) como “tudo agora é pandemia”, “tem que acabar com esse negócio”, “todos nós vamos morrer um dia”/“aqui todo mundo vai morrer” e “temos que deixar de ser um país de maricas”. De fato, era urgente que se acabasse com a pandemia, no entanto, o próprio governo de então se esquivava de tomar atitudes que de fato contribuiriam efetivamente para a contenção do vírus. Assim, é importante atentar para os sentidos da palavra “acabar”. Para alguns, acabar com a pandemia implicava em planejar e aplicar medidas sanitárias respeitando as orientações da OMS, no entanto, não é esse o caminho defendido por Bolsonaro. Por outro lado, o que é possível entender aqui é um pedido por ignorar a pandemia, como se deixar de falar sobre ela fosse fazer culminar no seu desaparecimento iminente. Enfrentar a realidade, nesse caso, assume um tom de ensejo a finalização do isolamento social. Nesse discurso, há, subjacentemente, uma defesa da imunização de rebanho, que supostamente aconteceria com a exposição de toda população ao vírus.

Mais adiante, ao recorrer ao lugar-comum “todos nós vamos morrer um dia”/“todo mundo vai morrer”, o enunciador naturaliza as mortes causadas pela COVID-19. Nesse trecho, é trazido um fato comum a todos (a morte) para justificar a

¹⁴ [4] (UOL). “Tem que deixar de ser um país de maricas”, diz Bolsonaro sobre covid-19. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kSBF4qH2y4g>. Acesso em: 04 out. 2022.

inação no combate a pandemia, no entanto, cabe ressaltar que muitas dessas mortes causadas pela COVID-19 poderiam ter sido evitadas com ações do governo federal em parceria com estados e municípios. Além disso, Bolsonaro trouxe discursos anti-vacina, anti-isolamento e a favor dos tratamentos precoces, refletindo na difusão desses discursos e reafirmação das práticas contrárias às ordens da OMS. Cabe observar que o presidente joga o comentário também para Sergião, criando um ambiente extrovertido, de intimidade, contribuindo para a criação da imagem descontraída de si e da situação. Ainda nesse assunto, ele diz que não adianta “fugir da realidade”, como se essa “realidade” não fosse passível de mudança, como se não dependesse, em grande quantidade, das próprias ações governamentais do presidente. Essa “realidade”, ao contrário do que Bolsonaro tenta imprimir à palavra, não é fixa.

Ainda para defender seu ponto de vista, Bolsonaro diz que “tem que deixar de ser um país de maricas”. Ao utilizar o vocábulo “maricas”, é selecionado um termo que historicamente é utilizado para designar pejorativamente homossexuais. Aqui, se misturam discurso homofóbico e anti-isolamento, visto que usufrui de tal palavra para dizer que quem não quer se arriscar sendo exposto ao vírus é fraco. Isso se confirma na última frase do comentário, que diz que “temos que enfrentar de peito aberto, lutar”, como se o enfrentamento ao coronavírus fosse, na contramão do que é indicado pelos órgãos especializados, expor-se ao vírus e, conseqüentemente, à morte.

Para finalizar esse comentário, é interessante observar o papel que é atribuído à imprensa, que é qualificada como “urubuzada”. O discurso anti-imprensa é recorrente nas falas de Bolsonaro desde a época da eleição, no entanto, durante a pandemia isso se intensificou. Embora se refira à imprensa de forma globalizante, é importante salientar que essa palavra aqui faz menção àquelas que informam sobre o vírus e recomendam as medidas de segurança. Dessa forma, durante a pandemia, o discurso anti-imprensa de Bolsonaro se mistura com os discursos também negacionistas anti-isolamento e anti-vacina.

Para finalizar nossa análise, escolhemos um pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro ocorrido em 02 de junho de 2021, momento em que a pandemia atinge, no Brasil, mais de 470.000 mortos e 16.840.000 infectados¹⁵.

¹⁵ OMS. **Visão Geral. Situação do Brasil.** Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 11 out. 2022.

[5] Boa noite. Sinto profundamente cada vida perdida em nosso país. Hoje alcançamos a marca de 100 milhões de doses de vacinas distribuídas a estados e municípios. O Brasil é o quarto país que mais vacina no planeta. Neste ano, todos os brasileiros, que assim o desejarem, serão vacinados, vacinas essas que foram aprovadas pela Anvisa. Ontem assinamos acordo de transferência de tecnologia para a produção de vacinas no Brasil, entre a Astrazeneca e a Fiocruz. Com isso, passamos a integrar a elite de apenas 5 países que produzem vacina contra Covid no mundo. O nosso governo não obrigou ninguém a ficar em casa, não fechou comércio, não fechou igrejas ou escolas. E não tirou o sustento de milhões de trabalhadores informais. Sempre disse que tínhamos dois problemas pela frente, o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados com a mesma responsabilidade e de forma simultânea. Destinamos, em 2020, 320 bilhões para auxílio emergencial para atender os mais humildes. Esse montante equivale a mais de 10 anos de bolsa família e a mais de 190 bilhões de reais para ajudar estados e municípios.¹⁶

É notável, neste enunciado, a reformulação do tom com o qual o enunciador se dirige ao seu auditório e se refere ao tema da pandemia. Logo após a saudação, Bolsonaro se solidariza rapidamente às vidas perdidas, ato que outrora não ocorrera, como demonstrado em análises anteriores. Bem diferente, em outros contextos de enunciação, as mortes foram ignoradas ou tratadas como piada. No que se refere à vacina, o discurso também passa por uma mudança aparente, já que agora relata o panorama de vacinação no país. Porém, a frase “que assim o desejarem” revela ainda um posicionamento anti-vacina semelhante ao do pronunciamento anterior.

Outro ponto comum em relação aos enunciados anteriormente analisados é o discurso anti-isolamento que também aparece aqui ao dizer que o “governo não obrigou ninguém a ficar em casa, não fechou comércio, não fechou igrejas ou escolas. E não tirou o sustento de milhões de trabalhadores informais”. Nessa enunciação, o político se isenta da responsabilidade sobre a pandemia, transferindo a culpa das ações citadas a outros poderes, mesmo sem citá-los diretamente. Esse sentido é evocado a partir da relação entre esse e outros dizeres do presidente, que outrora foi enfático ao culpar os governadores estaduais pelo fechamento dos comércios, escolas e igrejas. Nesse contexto, aparece também o discurso econômico, trazido pela menção ao trabalho informal e, adiante, ao desemprego. Consequentemente, atribui-se a responsabilidade pelo declínio econômico aos governos estaduais, que optaram por seguir a determinação da OMS a fim de reduzir danos.

Ainda no âmbito do discurso econômico, Bolsonaro enuncia, no fragmento [5], que “Sempre disse que tínhamos dois problemas pela frente, o vírus e o desemprego,

¹⁶ [5] (TV BrasilGov). #AoVivo: Pronunciamento do Presidente da República Jair Bolsonaro. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UavLIL-kfp4>. Acesso em: 04 out. 2022.

que deveriam ser tratados com a mesma responsabilidade e de forma simultânea”. Ao contrário do que foi dito, os quatro enunciados analisados anteriormente neste artigo privilegiam a economia em detrimento da saúde pública. Recorrendo ao interdiscurso, é possível afirmar que as questões relativas ao vírus foram subdimensionadas pelo presidente, sendo tratadas de forma irresponsável ao desestimular as medidas preventivas, a vacinação e incentivar o uso de medicamentos sem eficácia comprovada.

Considerações Finais

Dado o exposto, nota-se que em seus pronunciamentos durante a pandemia, por vezes Bolsonaro evocou discursos anti-vacina e anti-isolamento, legitimando atitudes que põem em risco a saúde e a vida dos brasileiros. Aliado a isso, também percebe-se o discurso econômico como ponto de apoio para reafirmar os posicionamentos citados. Em seus enunciados, Bolsonaro joga por vezes com o sarcasmo e deboche de situações alarmantes, desqualificando-as. Essa atitude avaliativa reflete em parte da população, que assimila esses discursos, acarretando em ações contrárias às recomendadas pela OMS, além de reproduzir, ciente ou inconscientemente, esses mesmos discursos. Portanto, todos esses aspectos contribuem para a consolidação de um discurso *necropolítico* governamental.

Assim, foi possível confirmar a hipótese inicial de que os discursos de Bolsonaro flertam e endossam a necropolítica governamental, principalmente em tempos de pandemia. Também foram cumpridos os objetivos de analisar dialogicamente os enunciados utilizando-se das discussões do círculo de Bakhtin acerca da ideologia e do discurso. Além disso, foi abordada a constituição de sujeitos históricos e sociais, identificando as formas linguísticas presentes no *corpus*, que atuam nas produções de sentidos. Por fim, foram apontadas durante as discussões e resultados as consequências práticas e éticas acarretadas pelos discursos do presidente. De forma geral, o compilado de falas do presidente retoma dialogicamente certos discursos e se insere em uma rede discursiva e ideológica de significados, construindo seus sentidos a partir da relação com outros.

Compreendendo não ser possível abarcar todas as possibilidades de análise dos enunciados, elenca-se aqui outros desdobramentos possíveis para novas pesquisas. Por

entender que os discursos não são isolados, seria interessante novos estudos dentro do mesmo tema, mas trazendo falas de outros integrantes do governo para observar como se constrói essa rede discursiva necropolítica para além de Bolsonaro. Também é caro a este trabalho a exploração acerca dos enunciados produzidos em lives e redes sociais, locais em que provavelmente as formas de enunciar são feitas diferentemente, por caracterizar uma zona de conforto para o presidente. Como continuação, também seria possível estudar outros pronunciamentos que venham a surgir durante a pandemia, posto que esse momento ainda não foi superado. Sob outra perspectiva, também é interessante explorar como certos sujeitos incorporam os discursos de Bolsonaro em forma de crítica, utilizando de diferentes recursos linguísticos e discursivos para tal.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2' cd. —São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160p.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, 264p.

FOUCAULT, Michel. 1926-1984. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France**. (1975-1976) / Michel Foucault; tradução Maria Ermantina Galvão — São Paulo: Martins Fontes, 1999 — (Coleção tópicos)

MBEMBE, A. (2016). **Necropolítica**. Arte & Ensaios, 2(32). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 21 ago. 2021.

VIDON, L. N. A transdisciplinaridade sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin: as pesquisas desenvolvidas pelo Gebakh. IN: MATTEDI, M. T.; RESENDE, V. de M. (Org.) **Estudos do discurso: abordagens em ciência crítica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. “O que é a linguagem?” IN: VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013 [Tradução de João Wanderley Geraldi].

VIDON, Luciano Novaes; CARLOS, Aléxia Chaves. A necropolítica governamental em tempos de pandemia: os discursos de Bolsonaro flertando com a morte. Dossiê Ler os discursos sobre o evento pandêmico: discursividades culturais, políticas, sanitárias. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Vol. 1, N. 2, p. 71-89, 2023. (ISSN: 2317-1006 - online).

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem.**

Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 15 de setembro de 2022.

Aceito em 16 de novembro de 2022.